Importância de uma Visão Diacrônica

Florival Seraine

1. Observam-se variações diatópicas no português do Brasil, relativamente à pronúncia dos fonemas vocálicos |e| e |o| mediais, em sílabas pretônicas. No Nordeste, pelo menos até onde o conhecemos, soam, respectivamente, |i| e |u|, nos casos aludidos, diferente do que se verifica em outras regiões brasileiras, onde revelam os falantes, nesse sentido, correspondência com o que prescreve a ortografia atual: |e| e |o|, que podem apresentar o timbre aberto ou fechado, na elocução normal. Podemos afirmar, por experiência própria, que as pronúncias registadas no Ceará, particularmente em Fortaleza, onde residimos desde a infância, ocorrem em todos os níveis socioculturais.

M. Marroquim refere igual fato — ensurdecimento das vogais átonas |e| e |o| — nos Estados de Pernambuco e Alagoas, afirmando que a ocorrência se dá em todas as classes sociais, tanto a culta como a inculta, isto é, que ela possui caráter geral. (1)

Infelizmente, não possuimos dados para informar que em outras áreas nacionais onde os mesmos fatos foram anotados, existem diferenciações na escala diastrática, por exemplo, em São Paulo, segundo aponta R. Mendonça. (2)

Tampouco quanto às pronuncias, a respeito, que seguem a norma preceptiva, ou não se afastam da grafia oficial de nossa época, dispomos de elementos para estabelecer os *níveis* em que surgem ordinariamente.

2. Será sempre um estudo incompleto ou insuficiente tudo o que, a respeito, se fizer apenas *sincron camente*, preocu-

pando-nos exclusivamente com explicações fonéticas pelo *metafonia,* a *assimilação vocálica,* ou pela *analogia*. Consideremos, pois, como indispensável uma perspectiva *diacrônica* do problema, com a busca de documentação histórica apropriada.

Rumemos, pois, no sentido daquela primeira *deriva,* que da Silva Neto considera bastante conservadora e se manteve sem alteração desde o português falado pelos colonizadores. (3) Sua transmissibilidade como linguagem vinda de Portugal se fez pelo *canal* oral, tornando-se depois aludidas pronúncias automatizadas pelo uso, no decorrer dos séculos.

3. Um documento que nos parece da maior significação para esse estudo da língua portuguesa aqui empregada nos primeiros séculos da colonização é a *Relação do Maranhão,* da autoria do Padre Luis Figueira, jesuíta lusitano, que compôs em latim a *Carta Bienal* de 1602 a 1603 e se dedicou ao cultivo da língua tupi, elaborando a *Arte da Gramática da Língua do Brasil,* obra que teve várias edições. Já se achava ele em nosso país há seis anos quando produziu a narração de sua viagem pelo sertão nordestino, indo até a serra da Ibiapaba, nas fronteiras com o Piauí.

Trata-se da reprodução de uma fotocópia, cujo original foi encontrado no arquivo S.J. Romanorum e que foi entregue ao Barão de Studart, historiador cearense, pelo jesuíta P. J. B. van Meurs, do Limburgo Holandês, por ordem do Superior Geral da Companhia de Jesus. (4) Luis Figueira era natural do Alentejo, onde nasceu em 1574, com 28 anos veio para o Brasil, e o documento de sua autoria a que aludimos foi enviado ao Preposto Geral da Companhia de Jesus, Claudio Aquaviva, em 1608. Recebeu o Pe. Figueira instrução no Colégio de Évora, então um dos mais conceituados do seu país. Sua escrita deveria, pois, refletir a linguagem dos portugueses cultos da sua época e ser revelada em forma compatível à sua destinação a um superior hierárquico. Mas é narração sem cunho literário, o que — a nosso ver — ainda mais o valoriza como documento lingüístico. Passemos a examiná-lo, a propósito do nosso tema capital, achando que o jesuíta seguia aquele "critério ortográfico fonetista (escreve como se fala)", a que se refere Amado Alonso. (5)

Anotamos o grafema *i* em vez de *e* nos vocábulos: *mintira, mininos, tizoura, milhor, quiriam* ou *quirião* de acordo —

como referimos inicialmente — com a pronúncia geral do povo cearense, e diferente do que se percebe na fala dos habitantes em outras áreas do domínio lingüístico português, na época atual.

Citamos os textos seguintes, contidos na *Relação*:... juntamente levarão dous outros *mininos* (p. 100);... com paz muyto *milhor* ou destruyção... (p. 85);... para sabermos se nos quirião lá..." (p. 86);... "machados, facas, espelhos, tizouras, etc..." (p. 89) ... "qu'era falsidade certa *mintira* de hu indio"... (p. 106).

Da *Relação do Maranhão* trazemos dois casos de grafias em que ocorre permuta de |o| por |u| de acordo com a pronúncia geral dos cearenses e nem sempre encontrada no resto do País. Estão nos vocábulos *cuberto* e *custumava*. Exs.:... "cõ esta capa se deu por bem cuberto" (p. 108); "não *custumava* beber fumo..." (p. 111).

4. Em outros documentos que nos ficaram do mesmo período, — primeiras décadas do século XVI — encontramos os mesmos grafemas correspondentes aos sons vocálicos da fala cearense, de que nos ocupamos. Em missivas de frei Cristóvão de Lisboa: *descubrir, milhor, inviei.* Em um documento firmado por Bento Maciel Parente (12 de novembro de 1618) — "capítulos que esse capitão apresenta "contra ho capitão Jeronimo d'Albuquerque" encontram-se as grafias *milhor* e *custume.* (6)

5. Aliás, essa observação ortográfica vamos ainda realizar posteriormente em vários documentos datados do século XVIII, como uma correspondência de Jerônimo da Paz, fidalgo português vindo ao Brasil, ao Capitão General; uma exposição sobre a Capitania do Ceará, da lavra de Bernardo Vasconcelos, também lusitano, então em nossa pátria, a Rodrigo de Sousa Coutinho; em uma "Noticia Geral da Capitania do Seará Grande", subscrito por João de Azevedo Coutinho de Montauri; documentos firmados por Bento Maria Targine, cidadão luso que se destacava, àquela época, no Ceará; além de algumas Cartas Régias. Recolhemos estes exemplos: *rizistem, similhante, descuberto, custume, disaraçado, rial, benefício, impregar, algudão, dispotismos, pulidas, disvello expusição.* (7).

6. Na literatura portuguesa clássica e anticlássica deparamos com vários casos em que os grafemas *e* e *o* da ortografia atual são substituídos por *i* e *u*, como na fala nordestina, registada por nós, Martinz de Aguiar e M. Marroquim.

No tocante ao *i*, apresentamos os seguintes exemplos: "outra *milhor* forma" (D. Duarte) (8); "como *milhor* sabe", "elle he maior nem *milhor*", "o tempo de nossa *mininice*" (Zurara) (9); "O *minino* Jesus e o glorioso São Diogo", "louvai *mininos* inocentes (Manuel Bernardes) (10); "ca el *quiria* hir", "*quiria* auer com elles conselho" (Fernão Lopes). (11) *Mintir, sintir, vistir*, são infinitivos que J. J. Nunes registra com a alteração vocálica do *e* em *i*, quando trata da metafonia em certas formas verbais, na língua arcaica. (12). *Minino, mininos*, milhor encontram-se na *Grammatica*, de João de Barros (1540). (13)

O grafema *u* em vez de *o* da ortografia atual, pode ser, apresentado nos casos seguintes da literatura portuguesa antiga: "Cubertos de sangue", "mais arreyos, *cubertos* de joyas" (Manuel Bernardes) (14); "mais flores *custuma*", "algumas manhas *custumadas*", "que a cavalo se custumam fazer" (D. Duarte). (15)

É interessante observar-se a influência da escola sobre a pronúncia brasileira, como os alunos, sendo forçados a pronunciar os vocábulos de acordo com a escrita, em certas áreas do país modificaram a pronúncia originária, a herdada, que nos foi transmitida originariamente desde os tempos da Colonização. O fato não escapou a um João Ribeiro, que considerava a pronúncia dos fonemas |e| e |o| mediais usual no Nordeste a autêntica, a primitiva. (16)

Gladstone Chaves de Melo, depois de observar que a pronúncia atual brasileira se acha mais próxima da pronúncia portuguesa do século XVI que a atual lusitana, escreve a propósito: "Nós brasileiros dizemos *minino, piqueno* e *milhor* (com exceção do carioca que, por influência, talvez, da grafia, diz melhor), ao passo que os portugueses dizem *m'nino, p'queno e m'lhor*. Pois bem, a grafia dessas palavras até o século XVII, como se sabe, é *minino, piqueno, milhor*, que depõe a favor da antiguidade da pronúncia em *i*. Na mesma página (nota 2) acentua, a propósito de umas considerações negativas de Gonçalves Viana: "Bem sei que há bastante oscilação ortográfica nos velhos textos, para os vocábulos que nos interessam. Mas quero dizer é que jamais se encontrará prá-